

OSSOS DO OFÍCIO: ESTUDO SOBRE PRAZER E SOFRIMENTO NO MERCADO DA MODA

CRAFT BONES: STUDY ON PLEASURE AND SUFFERING IN THE FASHION MARKET

LUANA ALVES DE CARVALHO
CAROLINA MACHADO SARAIVA
carolamsaraiva@gmail.com

FERNANDA MARIA FELICIO MACEDO BOAVA
HARRISON BACHION CERIBELI

RESUMO

Na sociedade atual, nota-se um estereótipo de beleza feminina que se impõe como um ideal a ser alcançado na busca por aceitação (FIXSEN, KOSSEWSKA e BARDEY, 2022). Nesse cenário, o mercado da moda apresenta um papel de destaque por sustentar esse padrão, principalmente, no tocante a mulheres que trabalham no ramo (BOGÁR et al, 2022). Dessa forma, a presente pesquisa tem como objetivo analisar as vivências de prazer e sofrimento no trabalho no mercado da moda por meio das modelos *fashion* brasileiras. No referencial teórico, a pesquisa baseou-se nos estudos sobre a Psicodinâmica do Trabalho. Na metodologia, foram realizadas entrevistas semiestruturadas e posteriormente uma análise temática sobre os dados coletados. Verificou-se que, mesmo com a melhora dos padrões impostos pela sociedade e pelo mercado, em diversas vivências no mercado de moda, o sofrimento é predominante ao prazer para aqueles sujeitos, o que torna extremamente relevante a busca por incluir este tema em estudos na área da Administração.

Palavras-chave: Estudos Organizacionais. Psicodinâmica do Trabalho. Prazer e Sofrimento. Mercado da Moda. Modelos *fashion* brasileiras.

ABSTRACT

The present research aims to analyze the experiences of pleasure and suffering at work in the fashion market through Brazilian fashion models. In the theoretical essay, the research was based on metric studies on the fashion sector in Brazil and on the psychodynamics of work, a study by the French psychiatrist and psychoanalyst Christophe Dejours and other Brazilian research in the area. In the methodology, semi-structured interviews were carried out and later a thematic analysis on the data, gathering the main ones mentioned in the interviews. It was verified from a similar theme that even with the improvement of the standards imposed by society and the market, the various experiences of the fashion market, suffering is predominant to pleasure for the subjects, which makes the search for include this gift in studies in the area of Administration.

Keywords: Psychodynamics of Work. Pleasure and Suffering. Fashion Market. Organizational Studies

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, em decorrência do surgimento de discussões acerca das amarras que envolvem a mulher no contexto contemporâneo, observam-se linhas de emancipação de pensamento que trazem à tona a desconstrução de padrões estéticos, materializados, principalmente, nos corpos magros (FIXSEN, KOSSEWSKA e BARDEY, 2022). Essas discussões são proliferadas devido, principalmente, à força dos discursos feministas, que disseminam ideais em defesa do amor-próprio e da auto-aceitação (HOPPE, 2021). O movimento feminista, sem dúvidas, fortalece o processo de desconstrução e atua como um sintoma de transformação positiva, para que cada mulher viva sua própria identidade e singularidade (HOPPE, 2021).

Nesse caminho, Avelluto (2020) pondera que uma interpretação do movimento feminista, em dias atuais, passa pela construção do conceito de (Anti) Princesa Moderna capaz de evocar uma reforma “intelectual e moral” da cultura e educação (FIXSEN, KOSSEWSKA e BARDEY, 2022). A luta feminista ocorre no campo ideológico.

No entanto, ainda assim, é possível destacar o quanto essa emancipação vem de um lento processo, visto que o poder do patriarcado é sistêmico, por questões sociais e estruturais (BOGÁR et al, 2022). Apesar de ser recorrente a visibilidade dada à diversidade nas campanhas, sabe-se que existe um interesse mercadológico por trás disso, para que as marcas não corram o risco de perder o seu valor de mercado.

Nesse contexto, é importante considerar a retroalimentação da indústria capitalista, que, ao se atentar para esse risco, opta pela apropriação dessa luta (HOPPE, 2021). Desse modo, é necessário sempre relativizar este processo, pois, mesmo parecendo algo cada vez mais democrático, continua sendo pautado em tendências totalitárias.

Sob a ótica de uma sociedade neoliberal, o principal objetivo dessas marcas advém do lucro e da acumulação de capital, o que atinge de forma direta a subjetividade da classe trabalhadora (BOGÁR et al, 2022). Até quando a sociedade irá normalizar os impactos que podem ser gerados aos trabalhadores no mercado da moda por estarem em um ambiente socialmente visto como glamoroso? Até quando o trabalho no mercado de moda não será problematizado em relação às suas condições de trabalho?

De acordo com Figueira e Veloso (2019), a sujeição do ser humano de antigamente se adapta à atualidade de outras formas, o que acarreta diversos danos psicológicos e falta de qualidade de vida, seja por jornadas exaustivas de trabalho ou por assédio moral, por exemplo. Nesse viés, essa pesquisa tem o intuito de demonstrar a problemática das condições de trabalho do mercado da moda sob a ótica das modelos e em quais condições esse trabalho gera prazer e sofrimento para essas profissionais. Para tal, empregou-se com referencial teórico os trabalhos do psiquiatra e psicanalista francês Christophe Dejours (2008), principal representante dos estudos sobre a Psicodinâmica do Trabalho.

Vale destacar que, a área da Administração carece de um olhar para o sistema de trabalho das modelos – um trabalho extremamente precarizado em um setor bilionário no país. De acordo com dados divulgados pela Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (ABIT, 2022), o faturamento da cadeia têxtil e de confecção do Brasil, que é a maior do Ocidente, atingiu o patamar de R\$161 bilhões em 2020.

Compreende-se a importância de se questionar a origem dessas estruturas, desses fenômenos e desses padrões. Sendo assim, a abordagem dessa temática pode contribuir para o desenvolvimento de explicações acerca do *modus operandi* desse mercado e pode, até mesmo, criar uma base para a alteração desse sistema. Pretende-se, portanto, estudar essas condições de trabalho, como elas acontecem nas micro-práticas e quais são as formas de ação que devem ser implementadas para que esse contexto seja visto com a devida atenção. Dito isso, espera-se que futuros personagens e trabalhadores do mundo da moda não tenham impactos tão grandes em seus aspectos físicos, psicológicos e, conseqüentemente, em sua qualidade de vida.

Não raramente, algumas discussões na sociedade têm sido levantadas acerca dos efeitos causados pela representação da imagem das modelos e, conseqüentemente, da disseminação de um padrão estético e estrutura inalcançáveis para a sociedade. Por outro lado, também há uma problemática, que merece ser sanada, em relação à falta de atenção aos impactos e às condições em que essas modelos estão inseridas dentro do seu ambiente organizacional, e como isso é capaz de impactar física e psicologicamente essas profissionais (HOFFMAN et al, 2019).

No universo da cultura, segundo Fixsen, Kossewska e Bardey, (2022), tudo passa a ser um padrão: a produção em série (seguindo os modelos das indústrias capitalistas), a mercantilização dos bens culturais, a padronização dos produtos e a criação de estereótipos. O padrão, portanto, é sempre imposto da forma mais rentável na sociedade capitalista. Nesse sentido, a moda é um exemplo de reprodução de modelos dominantes, a partir de um padrão estabelecido como estereótipo da beleza, do aceitável e do que deve ser seguido.

Segundo Mendes (2007)), o movimento de artificialização começa a partir das práticas de regulação alimentar e da disciplinarização por atividades físicas. Mesmo sendo uma prática transmitida e constante, ainda é considerada muito excludente, pois os “corpos magros” são impostos como o padrão social do que é belo. Nessa discussão sobre a imposição desses padrões e sobre a “ditadura da magreza”, muito pouco ainda é dito acerca da percepção dessas modelos dentro da profissão e até mesmo a respeito das condições de trabalho às quais elas estão submetidas.

As modelos começam suas carreiras muito cedo e, a partir daí, as agências costumam captar essas adolescentes por meio de um *scouter* (caçador de talentos), um agente, um *booker* (profissional que negocia os trabalhos das modelos), um produtor de elenco ou qualquer outra pessoa que esteja envolvida profissionalmente com a contratação de modelos (LIBARDI, 2004). Não raramente, essas adolescentes deixam a convivência familiar e iniciam um convívio com um grupo profissional, passando a ser responsáveis pelos próprios cuidados e por administrar questões relacionadas à profissão, como a imagem corporal, a alimentação e as finanças (LIBARDI, 2004; ROCHA e SANTOS 2019).

De acordo com Lipovetsky (2009), o aspecto negativo da beleza feminina está no ódio que as mulheres podem nutrir por si mesmas e por seus corpos ao compararem o que elas são com as imagens vistas como perfeitas das modelos. Na visão de Wolf (2019), trata-se de uma verdadeira luta entre a dor e o prazer, a liberdade e a obrigação.

Diante disso, o presente estudo tem por objetivo analisar as vivências de prazer e sofrimento no mercado de moda, especificamente no trabalho das modelos *fashion* brasileiras (modelos destinadas a desfiles, campanhas e que obrigatoriamente seguem um padrão mínimo de altura e um padrão restrito de medidas). Além disso, esta pesquisa visa evidenciar essas condições de

trabalho tão invisibilizadas pela sociedade em um mercado como o de moda, que fatura bilhões no Brasil. Sendo assim, buscou-se, de forma geral, descrever as vivências dessas profissionais, compreender as condições objetivas e, posteriormente, os sentidos subjetivos relacionados ao prazer e ao sofrimento do objeto de estudo escolhido, permitindo, assim, uma reflexão para apontar possíveis demandas por mudanças nesta estrutura que perdura há anos no mercado.

Por fim, para desenvolvimento dessa investigação estrutura-se esse artigo na apresentação de temas centrais sobre a Psicodinâmica do Trabalho, seguida pela trajetória metodológica empregada na pesquisa e apresentação da análise temática dos dados coletados a partir de entrevistas semiestruturadas com modelos *fashion* brasileiras.

2 PSICODINÂMICA DO TRABALHO - PRAZER E SOFRIMENTO

O trabalho é uma categoria central do desenvolvimento da sociedade e do indivíduo, isto é, uma atividade estruturante que está diretamente relacionada à construção da identidade do ser humano, ao seu sentimento de valor pessoal, à autoestima e ao processo de construção da subjetividade de cada um (BOGÁR et al, 2021 e PAIVA et al, 2020). A necessidade de estudar mais profundamente a relação do trabalho com os processos psíquicos teve sua origem no começo do século XX, com ampla aplicação dos princípios tayloristas criados com o objetivo de racionalizar o trabalho (MENDES, 1995). A nova dinâmica envolvendo um ritmo exacerbado de trabalho, jornadas excessivas, fadiga física e produção em massa trouxe reflexos à saúde física e mental dos trabalhadores sob um aspecto negativo.

Nesse contexto, a Psicodinâmica do Trabalho, que estuda essa relação entre o sujeito e a organização laboral, é a abordagem científica desenvolvida por Christophe Dejours, na década de 1980. Essa relação, portanto, permite uma compreensão contemporânea sobre a subjetividade no trabalho, o que contempla a temática relacionada ao sofrimento mental dentro desse ambiente. Estudos feitos por Dejours (2008) comprovam como a organização do trabalho é responsável por consequências diretas no funcionamento psíquico do trabalhador. Conforme o autor, a organização do trabalho é conceituada como a divisão do trabalho, o conteúdo da tarefa, o sistema hierárquico, as modalidades de comando, as relações de poder e as questões de responsabilidade (DEJOURS, 2008). Considerando essa afirmativa, é sempre importante salientar o quanto esses conceitos possuem variabilidades de acordo com cada ambiente e dinâmica de trabalho.

Nessa perspectiva, a Psicodinâmica é composta por duas grandes categorias, sendo a primeira delas composta pela organização do contexto de trabalho e pelas relações e condições de trabalho; já a segunda grande categoria, denominada mobilização subjetiva do trabalhador, é composta pelas vivências de prazer e sofrimento, por estratégias defensivas e pelo espaço de discussão coletiva (PAIVA et al, 2020). De acordo com Augusto *et al.* (2014), são as vivências que retratam o sentido dado ao trabalho como resultante da interação entre condições subjetivas (dos sujeitos) e objetivas (da realidade do trabalho). O trabalhador, com a finalidade de conseguir realizar sua atividade, consome energia individual e coletiva. Desta forma, vivencia, simultaneamente, o prazer e o sofrimento no seu ofício.

As manifestações de sofrimento podem ser expressas pelos males causados no corpo, na mente e nas relações socioprofissionais, portanto, as suas causas advêm do contexto de trabalho. As vivências de prazer, em contrapartida, são oriundas da combinação que o trabalho é capaz de trazer ao corpo, à *psiqué* e às relações interpessoais. Tais vivências se manifestam de forma direta pelo reconhecimento e pela valorização do trabalho. Ainda de acordo com Dejours (2008) esses fatores indicam o prazer no ofício por possibilitarem uma estruturação psíquica, uma identidade e uma expressão da subjetividade no trabalho, viabilizando a reflexão entre o subjetivo e a realidade concreta de trabalho:

A organização do trabalho exerce sobre o homem uma ação específica, cujo impacto é o aparelho psíquico. Em certas condições, emerge um sofrimento que pode ser atribuído ao choque entre uma história individual, portadora de projetos, de esperanças e de desejos e uma organização do trabalho que os ignora. (DEJOURS, 2008)

Nesse viés, Mendes (1995) considera que o trabalho muitas vezes oferece condições contrárias à busca do prazer, expresso numa vivência de sofrimento, com sintomas específicos. No lugar de fonte sublimatória de prazer, o trabalho é, então, transformado em necessidade de sobrevivência. Esse modelo teórico da Psicodinâmica é aplicado a qualquer situação de trabalho, entretanto, vale ressaltar que os estudos da normalidade não eliminam os efeitos psicopatológicos que o trabalho pode exercer nos trabalhadores. Nesse sentido, a normalidade não implica ausência de sofrimento, assim como o sofrimento não exclui o prazer (MENDES, 1995 e HOFFMAN et al, 2019).

Ainda no cerne dessa discussão, Ferreira e Mendes (2003) explicam sobre os elementos estruturais presentes na condição de trabalho, que englobam aspectos como: ambiente físico, instrumentos, matéria-prima, suporte organizacional, interações hierárquicas, interações externas e interações coletivas intra e intergrupos. De acordo com os autores, as condições de trabalho são constituídas pelos elementos estruturais capazes de expressar as condições de trabalho presentes no lócus de produção e caracterizam sua infraestrutura, apoio e práticas administrativas (FIGUEIRA e VELOSO 2021)).

Os estudos relativos ao prazer e ao sofrimento no trabalho se mostram pertinentes e relevantes pois, além de poder contribuir efetivamente para o desenvolvimento de um ambiente organizacional, permite uma melhor gestão e alteração do sistema, gerando, assim, uma maior qualidade de vida ao trabalhador e uma redução dos prejuízos relacionados à sua saúde física e mental.

Logo, para fins dessa investigação, a Psicodinâmica Dinâmica do trabalho será o pano de fundo para compreensão da atividade laboral de modelos *fashions* brasileiras, atribuindo voz às dicotomias e controvérsias do prazer tão enunciado nesse tipo de profissão, que exalta beleza e altos salários, bem como, o velado sofrimento encoberto pelos corpos padronizados e estratégias mercadológicas de promoção de grandes marcas.

A seguir, descreve-se a trajetória metodológica adotada para atribuir rigor à pesquisa sobre prazer e sofrimento no trabalho desenvolvido no mundo da moda.

3 METODOLOGIA

Foi utilizada uma pesquisa qualitativa do tipo descritiva conclusiva, seguindo a perspectiva interpretativista. O paradigma interpretativista busca assimilar os fenômenos por meio do significado atribuído pelos personagens da realidade, através, por exemplo, das construções sociais e interações pessoais. Na visão de Braun e Clarke (2022), a realidade social não existe em termos concretos, mas é um produto de experiências subjetivas e intersubjetivas dos indivíduos.

Durante o desenvolvimento desta pesquisa, foram realizadas, durante o período de fevereiro a abril de 2022, entrevistas on-line, que se iniciaram no dia 10 de fevereiro com a coleta do pré-teste. O pré-teste demonstrou de forma positiva a construção da entrevista, que foi baseada no estudo apresentado por Figueira e Veloso (2021) acerca dos elementos estruturais presentes na condição de trabalho, que englobam aspectos como: ambiente físico, instrumentos, matéria-prima, suporte organizacional, interações hierárquicas, interações externas e interações coletivas (intra e intergrupais).

Ao total, foram coletadas nove entrevistas até que se alcançou o ponto de saturação dos dados. As entrevistas duraram em média 60 minutos, entre um mínimo de 30 minutos e um máximo de 90 minutos, com intervenção mínima, apenas em momentos em que cabiam perguntas complementares à resposta do entrevistado.

A transcrição foi feita na íntegra, resultando em 61 páginas transcritas. A análise escolhida para o desenvolvimento do estudo foi a análise temática (AT), depurada em três versões, sendo na última versão concluída com sete famílias temáticas.

O perfil das entrevistadas compreende mulheres (100%) de 20 a 31 anos, algumas iniciando a profissão (20%) e outras que já desempenham o trabalho há mais de 10 anos (80%), tanto em dedicação integral (80%) quanto em dedicação parcial ao ofício (20%). Em relação à escolaridade, apenas 30% cursaram ensino superior. Essa pluralidade foi proposital e teve como objetivo obter diferentes perspectivas.

4 PRAZER E SOFRIMENTO NO TRABALHO DAS MODELOS

Após a coleta de dados, foi possível realizar a análise temática dos mesmos e evidenciar 7 categorias, sendo essas: o ambiente físico, relações interpessoais no ambiente de trabalho, relações entre *booker* e agência, remuneração, corpo e trabalho, o mercado da moda e a carreira de modelo.

Na sequência cada uma é apresentada juntamente com extrato de fala das depoentes e analisada. Por fim, tem-se um panorama conjuntural das 7 categorias considerando a Psicodinâmica do Trabalho para desvelar as relações de prazer e sofrimento presentes na atividade laboral de modelos fashions brasileiras.

4.1 O Ambiente Físico

O ambiente físico do trabalho, para Ferreira e Mendes (2003) é descrito como um elemento que envolve sinalização, espaço, ar, luz, temperatura e som. Este elemento é capaz de expressar as condições de trabalho presentes no lócus de produção e caracterizam a sua infraestrutura. Dentro do ambiente em que as modelos trabalham, esses espaços podem variar de acordo com cada diária. No geral, as modelos trabalham em dois espaços distintos: o ambiente interno e o externo (HOPPE, 2021). O primeiro envolve locais como os estúdios de fotografia. Na percepção das entrevistadas, os estúdios costumam ser favoráveis à realização do trabalho, possuindo estrutura suficiente para toda a equipe, como o fornecimento de comida, adequação de temperatura, de luz e de espaço propícios: *"quando é estúdio é tranquilo, o ambiente físico tipo, tem estrutura e tal, quando é externa raramente tem"* (E2).

Já o ambiente externo, como citado no relato anterior, é caracterizado por ser completamente imprevisível. Algumas questões como fotografar peças de verão no inverno e trabalhar em condições desfavoráveis foram citadas por diversas entrevistadas. *"Já fotografei biquíni assim, acho que -1 grau, eu lá de biquíni em Andorra, na neve, durante horas."* (E1).

Além disso, uma das entrevistadas relatou um episódio de hipotermia envolvendo o trabalho em ambientes externos: *"(...) se for uma externa, por exemplo, posso citar o caso do dia que eu fiz uma campanha de biquíni no Chile que, tipo assim, tinha acabado de parar de chover, estava um vento do cão, a gente foi pra praia e eles falaram assim: "entra ali na água", eu batendo os dentes, assim, de frio, e como se nada tivesse acontecendo, sabe?"* (E6).

Outra percepção notada entre as entrevistadas é a questão das jornadas excessivas e insalubres de trabalho que costumam ser ainda maiores em trabalhos de externa: *"têm várias questões tipo calor, frio, não tem banheiro, é mais cansativo, aí... a locomoção, aumenta a questão da diária de trabalho também, o que era uma diária de 10 horas às vezes vira 14 porque você tem que contar a ida e a volta, então, eu particularmente, detesto externa."* (E5). No tocante aos subtemas do ambiente físico, palavras como precarização, dificuldade, ansiedade e desconforto foram as mais citadas.

Logo, percebe-se que o sofrimento é muito mais presente nesta família do que o prazer, afinal, a imprevisibilidade de um ambiente externo gera muita angústia nas profissionais. É notório também que algumas das entrevistadas relatam estarem acostumadas com esses ambientes, por isso, não gera tanto sofrimento. No entanto, como foi visto, boa parte delas atribuem o prazer à etapa final, ou seja, à conclusão do trabalho. Portanto, é possível constatar, a partir desses relatos, que esse sofrimento já está naturalizado e, conseqüentemente, imperceptível dentro do cotidiano profissional dessas jovens.

4.2 Relações interpessoais no ambiente de trabalho

De acordo com Ferreira e Mendes (2003), as relações socioprofissionais são constituídas por elementos interacionais que são capazes de expressar as relações interpessoais presentes no cenário de trabalho e capazes de caracterizar sua dimensão social. A relação entre as modelos pode ser caracterizada como uma dessas interações coletivas intra e intergrupais, denominadas como membros da equipe de trabalho e membros de outros grupos de trabalho (HOPPE, 2021).

Neste tema, os subtemas selecionados foram competitividade, insegurança, comparação, inveja e acolhimento. A partir da análise foi possível perceber o quanto as entrevistadas consideram essa relação extremamente competitiva. Ao serem questionadas sobre esse ambiente ser ou não acolhedor, respostas como estas foram predominantes: *"Competitivo. É muita competição, ainda mais quando é um monte de modelo no set e você vai fazer uma campanha importante, aí as modelos acabam olhando pra quem o cliente tá gostando mais [sic]"* (E1).

Um outro ponto perceptível a partir da análise é a questão da competitividade interna, ou seja, do sujeito se comparar a todo momento com suas respectivas concorrentes. Alguns exemplos foram citados, como os de dentro dos ambientes de trabalho, em que o próprio cliente ou agência compara o seu corpo com o de outra modelo: *"Você vê aquela diferença que o cliente faz entre você e a outra modelo, e fala: 'a coxa dela tá muito grossa! A da outra tá mais fina', e isso vai gerando insegurança. Isso faz a gente não se aceitar, a gente acaba se comparando muito. [sic]"* (E2).

Encontraram-se também relatos positivos sobre essa relação modelo/modelo com a ressalva da insegurança interna citada anteriormente: *"Eu nunca me senti num clima de competição, por mais que fossem modelos que tivessem o mesmo perfil, ou seja, teoricamente a gente teria competição uma com a outra, mas não. Ou as meninas não se falavam tipo: 'ok, I don't know and I don't care' ou as meninas eram amigas, porque quem vai te entender nessa situação, são só as outras modelos e talvez a sua família, sabe? Agora, insegurança? 24 horas por dia e não necessariamente por culpa das outras meninas, mas pela nossa cabeça mesmo, é o tempo inteiro."* (E2).

Neste panorama, portanto, a relação entre as modelos gera muito mais sofrimento do que prazer. É possível existirem relações sólidas de amizade entre os indivíduos, porém o que predomina, é o sofrimento relacionado à insegurança, inveja e competitividade, não necessariamente refletidos em ações de maldade para com o outro, mas sim uma autossabotagem relacionada a esses sentimentos causados nesta relação.

4.3 Relações entre *booker* e agência

A relação entre as modelos e a agência é caracterizada como parte das interações hierárquicas existentes nesta cadeia e é uma das maiores problemáticas coletadas a partir das entrevistas. Uma agência de modelos é o local em que a modelo terá todo o seu direcionamento de carreira e será repassada aos trabalhos e *castings* (testes). Dentro desta estrutura, o *booker* é o profissional responsável por fazer este direcionamento e cuidar de todo o profissional da modelo.

Na teoria, essa troca profissional deveria funcionar de forma que o *booker* trabalhasse para a modelo, já que ele recebe uma porcentagem direta por todos os trabalhos aos quais aquela profissional será veiculada, mas, na prática, não é isso que ocorre.

Uma vez que o *booker* é o profissional responsável por possuir o contato direto com os clientes, há um medo constante em contrariá-lo e, assim, não ser mais contratada para nenhuma oportunidade de emprego: *"eu já passei pela situação, do booker pegar ranço de mim porque eu fui reclamar de algo que eu tava [sic] certa e ele foi e me deixou na geladeira e parou de me vender, ele tem esse poder."* (E9).

Há, portanto, uma relação direta de poder e controle: *“se você não fizer o bom relacionamento ali, tu tá [sic] ferrada, não rola, você não trabalha [risos]. Então é assim, se você não for agradável para eles e fazer aquele belíssimo networking, talvez você nunca vai trabalhar com aquele booker.”* (E2). Todos os entrevistados demonstraram que essa troca só é saudável quando o booker acredita que a profissional oferecerá uma satisfatória moeda de troca: *“eu vejo um pouco de descaso sim e às vezes eu tenho que correr muito atrás, eles meio que não estão nem aí, é... [pausa] eu sinto que é um jogo de interesse né? Então enquanto eles não verem que você tem muito a oferecer, um retorno financeiro pra eles, eles não vão fazer muito por você.”* (E4). A entrevistada 6 relata o mesmo sentimento: *“Quase uma escravidão né? Porque se eles trabalhassem pra gente, eles estariam muito mais empenhados em nos vender e não é o que acontece. A gente tem que ficar lá, puxando saco, indo lá todo dia pra lembrarem da gente.”* (E6).

A rotina de uma modelo é completamente inconstante, sem equipes e ambientes fixos de trabalho, o que gera, no dia a dia dessas profissionais, uma série de situações desconfortáveis ou casos específicos que necessitam de um suporte direto de um profissional que possa resolver determinadas questões relacionadas a diárias de trabalho que ultrapassam os horários combinados, ao atraso nos pagamentos, ao abuso moral por parte de clientes, ao não cumprimento do contrato por parte da equipe, dentre outras. Ao serem questionadas sobre o suporte dado pela agência, as respostas foram unânimes do quanto é insatisfatório esse retorno: *“Sempre as agências tratam as modelos de uma péssima forma, eu cheguei uma vez com 14 anos em Paris, eu não sabia falar inglês e eles falaram: “toma um mapa e vai, você tem 10 endereços diferentes pra ir hoje”* (E1).

Em relação aos pagamentos atrasados, relatos como o das entrevistadas 5 e 9, respectivamente, foram comuns: *“quando o cliente não paga, eu ouvia assim: “ai [sic] gata, você quer que eu faça o quê?” Tipo, é um trabalho deles exigirem que eles me paguem, então eu não me sinto respeitada muita das vezes eu não me sinto, eles me tratam como um produto literalmente.”* (E5); *“Eles são pagos pra fazer mais, e eles fazem muito pouco pela modelo.”* (E9)

De acordo com Dejours (2008), o trabalho produz sobre o homem ações específicas, levando em conta que em determinados contextos de trabalho surge um sofrimento a partir do choque entre os desejos pessoais do sujeito que trabalha e uma organização que não acolhe os sonhos e esperanças desse sujeito trabalhador. A partir do momento em que a modelo iniciou sua carreira, ela entende que o booker é sua referência do que se deve ou não fazer para alcançar determinados trabalhos ou contratos, logo, desde o início essa interação é baseada em uma submissão direta.

De forma discrepante, este tema é um dos mais traumáticos na vida de uma modelo. As palavras e, conseqüentemente, os subtemas mais encontrados nas entrevistas foram: abuso, submissão, insegurança, trauma, cobrança, conveniência, pressão, humilhação, desrespeito e interesse. Pode-se dizer que essa interação hierárquica se encaixa diretamente em um contexto de sofrimento para todas as entrevistadas, gerando um grande desgaste mental a essas profissionais, mesmo após de anos de carreira.

4.4 Remuneração

A remuneração faz parte da estrutura de suporte organizacional do trabalho. Pode-se afirmar que a remuneração de modelos no mercado da moda, apesar de não terem carteira assinada e não assegurarem nenhum direito ou benefício aos trabalhadores da profissão, é considerada uma das únicas profissões em que a mulher ganha mais do que o homem em uma questão de comparação salarial de gênero (BOGÁR et al, 2022). Durante a entrevista, foi unânime a percepção entre as entrevistadas que, considerando a remuneração de qualquer outra profissão no mercado de trabalho, mesmo tirando a porcentagem da agência e os impostos descontados nos cachês, os valores são considerados altos.

A grande maioria das entrevistadas atribuiu ao retorno financeiro a causa para a permanência na carreira, por terem a consciência de que não conseguiriam uma remuneração similar em outras profissões de forma instantânea: *“quando tu para [sic] pra pensar no que a modelo ganha num dia de trabalho que tem gente que demora muito tempo pra ganhar essa grana, aí eu acho que eu sou bem remunerada sim (E5)”*; *“É um trabalho bem remunerado se for em comparação a outros trabalhos que eu já fiz na minha vida” (E3)*.

O problema é todo o processo envolvido no pagamento dessas diárias de trabalho. Neste fluxo, tanto agências quanto clientes costumam fugir dos prazos de pagamento. Quando questionadas se os pagamentos eram feitos em dia, a maioria das respostas foram negativas: *“Não, nunca. É muito raro. Olha, eu emito nota e o cliente não paga no dia do vencimento da minha nota, às vezes eu tenho que guardar dinheiro pra pagar a nota do cliente que não me pagou e às vezes não me paga, ou ficou me devendo, ou às vezes paga depois de 6 meses, ou 3 meses.” (E9)*.

“Meus pagamentos? [tom de ironia] Eu não consigo contar nas minhas mãos e eu tenho duas, graças a Deus [risos]. Quantos pagamentos eu não recebi na minha vida...Então, isso parece até piada, mas eu não sei se em algum momento na minha vida eu fui paga em dia (E2); “Fiquei 1 ano sem receber um cachê de 5 mil que eu tinha feito, tive que falar que eu ia processar a agência pra receber. É um absurdo você ter que cobrar um dinheiro que é seu” (E6).

Nesse tema, subgrupos como boa remuneração, atrasos, instabilidade, insegurança, falta de garantia e ansiedade foram os mais citados e capazes de representar as percepções coletadas.

Como citado anteriormente, o trabalho da modelo é muito instável, pois não há uma garantia de que a profissional conseguirá se manter no mercado e de que trabalhará na mesma constância. Isso está diretamente ligado também à remuneração, já que a falta de garantia e os atrasos no pagamento, por mais que os cachês sejam altos, não permitem com que a profissional tenha autonomia e segurança sobre o seu dinheiro.

4.5 Corpo e trabalho

O corpo é o principal instrumento de trabalho da modelo. A partir dele, ela imprime os desejos dos clientes e do mercado de acordo com cada referência entregue nos trabalhos. Apesar de expressar uma imagem de força, empoderamento e beleza, o corpo das modelos é resultado de uma soma das suas fragilidades e dos seus traumas.

Geralmente, as modelos iniciam suas carreiras precocemente, quando seus corpos ainda não estão totalmente formados, o que torna ainda mais fácil moldar esse sujeito dentro dos padrões físicos e psicológicos que são impostos. Atualmente, esses padrões têm sido mais flexíveis, mas, ainda assim, as medidas são consideradas pré-requisitos para comporem um *casting* (seleção) de um desfile ou de uma campanha. É nesse paradigma que as modelos encontram uma posição de abuso sobre seus corpos, em que recebem retaliações diretas de *bookers* e clientes, além da pressão interna que cada uma se submete, podendo gerar até mesmo distúrbios alimentares como a anorexia, a bulimia e a utilização de remédios para fins de emagrecimento. Tais achados encontram-se em concordância com os descritos pela pesquisa de Lee, Sanghee et al (2019).

Ao se selecionarem os subtemas relacionados à autoimagem, palavras como insegurança, vulnerabilidade, privação, submissão, distorção, cobrança, angústia, pressão, maturidade, saúde, consciência, aceitação, dietas, medicamentos, procedimentos estéticos, psicológico, dedicação e tempo de carreira foram as mais recorrentes.

Quando questionadas sobre como lidam em relação à pressão imposta sobre seus corpos, relatos como esses, fornecidos pela entrevistada 1, foram comuns: *“Quando eu comecei, eu não lidava bem. Eu fiz lipoaspiração com 17 anos, era uma das coisas que mais me traumatizava. Eu não me amava, eu ficava me olhando no espelho assim, vestia só camiseta, porque eu me sentia muito feia, com o corpo horrível, porque eles faziam eu me sentir assim. E aí quando eu saí dessa agência, a minha mãe recebeu uma ligação da booker falando assim: “Ah, a sua filha tem depressão... ela aparece aqui na agência com camiseta, a sua filha tem que se tratar, tá [sic] se vestindo como uma mendiga... Eles que fizeram isso comigo, sabe? Eu vestia assim porque eles falavam que eu tava [sic] feia e diziam: “o seu corpo está feio”. [começa a chorar][pausa] (E1).*

Nesse mesmo viés, a entrevistada 7 também desabafa sobre o procedimento estético que se submeteu no início de sua carreira: *“Eu acho que eu já tinha uns 30% de insegurança quando comecei, 70% vinha do que o mundo da moda me deu, do olhar torto, de medir e falar que eu tô [sic] grande, por isso até que eu fiz uma lipo com 19 anos, falavam que tudo ia mudar se eu fizesse uma lipo e eu fiz, nada mudou.” (E7).*

Já a entrevistada 3 desabafou sobre a pressão que ela criou internamente por conta do meio, que, segundo ela, é uma das partes mais frustrantes da profissão: *“eu passei a adolescência toda tentando desmistificar tudo que as pessoas tentavam colocar em mim e tentar me amar do jeito que eu sou, e aí você começa a trabalhar com aquilo que você sonhou em trabalhar e aí, mesmo que ninguém te diga, você começa a achar que tá [sic] tudo errado em você, então essa parte é a pior de todas” (E3).*

A naturalização da pressão estética gera uma distorção em boa parte dessas modelos, que não conseguem mais visualizar seus corpos reais: *“já me peguei em vários momentos falando: “Ah, a minha coxa tá grossa!” e aí, quando eu paro pra pensar, eu falo: meu Deus, não tô [sic] não. Ou: “ai, tô [sic] gorda!” Eu usava muito esses termos, hoje eu tenho tentado realmente não pronunciar isso” (E1).*

Este processo demonstra também o quanto a insegurança paira em relação ao reflexo que elas veem no espelho, e a entrevistada 1 finaliza: *“tenho muitos traumas com o meu corpo, com a minha beleza, eu me sentia feia, uma mulher feia” (E1).*

Mesmo carregando esses traumas irreparáveis para o resto da vida, as modelos com mais tempo de carreira mostram o quanto a maturidade ressignificou a relação delas com seus corpos, se preocupando muito mais com a sua saúde e alimentação em detrimento de adotar uma visão única sobre uma estética que impõe restrições a tudo que ultrapassa o limite de seus corpos. *“Hoje em dia, eu acho que justamente por essa maturidade, por eu ter buscado essa coisa de lidar melhor comigo, de me aceitar mais com o meu corpo, hoje as coisas já não me incomodam tanto”* (E5).

Seguindo a mesma linha de pensamento, a entrevistada 8 desabafa: *“eu já vinha trabalhando a ideia de aceitação, de tipo: “poxa, sempre segui o que os outros falam pra mim... não tá [sic] certo, né? [sic] Meu corpo tá [sic] assim e eles querem que eu chegue numa coisa que meu corpo não é, não tem estrutura óssea ou muscular ou qualquer coisa do gênero pra isso, então assim... eu já entendia que isso era errado, mas na prática era muito difícil, depois de muita terapia fui aprendendo a lidar”* (E8).

O trabalho vivo, de acordo com Dejours (2008) está relacionado ao poder do trabalhador de sentir, pensar, inventar, criar e recriar o seu fazer cotidiano no trabalho. Dejours (2008) entende que o sofrimento é como o modo fundamental pelo qual se dá o trabalho, mas que trabalhar também é transformar a si mesmo. Essa ressignificação da forma como as modelos com mais tempo de carreira possuem em relação aos seus corpos permite que essa troca aconteça de forma mais leve e menos penosa.

Nesse panorama, portanto, observa-se o quanto a autoimagem é resultado direto de sofrimento para essas mulheres, já que boa parte dos sentimentos e ações relacionados aos seus respectivos corpos geram sentimentos de frustração e de desapontamento.

4.6 O mercado da moda

O mercado da moda atualmente, quando comparado há alguns anos, mostra diferenças positivas em relação à estrutura de trabalho para a modelo, fator muito comentado entre as entrevistadas que possuem anos de profissão. Palavras como: melhora, democratização dos corpos, inclusão, voz, posicionamento, personalidade e substituição foram considerados os subtemas desta família.

Atualmente, o público feminino vem discutindo muito mais sobre a pressão relacionada aos corpos femininos e à ditadura da magreza. Mesmo que a passos lentos, essas discussões recaem diretamente no universo da moda, visto que a democratização dos corpos vem tomando um espaço maior nas campanhas, nos editoriais e na criação de peças inclusivas.

Quando uma das entrevistadas da nova geração é questionada sobre a pressão envolvendo o seu corpo, fica evidente essa mudança: *“os padrões hoje em dia mudaram bastante, não o suficiente ainda mas, pelo que eu escuto as pessoas dizendo, melhorou bastante, então eu acho que não peguei essa época em que você vai num lugar e você escuta: “Ah mas eu achei que ela fosse muito mais magra”* (E3).

Quando questionadas sobre as percepções de mudança no mercado, entrevistadas com mais tempo de carreira demonstraram uma satisfação maior sobre essa alteração em diversos pontos, especialmente no que diz respeito ao ambiente físico: *“em geral, as pessoas hoje em dia pensam mais em questão de estrutura do que antes”* (E8); *“Eu acho que hoje em dia as coisas estão um pouco melhores, sabe? As pessoas estão tentando montar equipes que sejam prazerosas de trabalhar e tal”* (E9).

No quesito relação modelo/booker a entrevistada 6 desabafa sobre a forma como era abordada na agência: *“Hoje em dia, existe uma questão mais pesada de cancelamento, então eles até se seguram mais pra falar, mas há uns anos atrás... [sic] Eles eram muito... Eles não pensavam, sabe? Que a gente sofria, que a nossa mente ficava bugada. Antes eu tinha 16 anos, eu não sabia o que eu tava [sic] fazendo, eu vim da roça, eu era muito influenciável, então qualquer coisa que me mandassem fazer, eu fazia, eu não pensava”* (E6).

Essa mudança tem refletido diretamente na nova geração de modelos no mercado, que se posicionam e tem muito mais voz diante de qualquer desconforto em trabalhos, por exemplo. *“Essa nova geração tá vindo... pedindo, né? Exigindo as coisas. Modelo não podia reclamar, hoje em dia, nem só a modelo reclama, os fotógrafos, os stylists, toda a galera assim.”* (E1) Antigamente, modelos eram conhecidas apenas como cabides, assim afirma a entrevistada 5: *“Quando eu comecei, eu ficava quieta, até porque quando a gente... quando a gente começou, a instrução era entrar muda e sair calada, eu lembro exatamente dessa frase, do booker da agência virar pra mim e falar: “tu entra muda e sai calada”* (E5).

Nesse contexto, de acordo com Augusto *et al* (2014), mesmo que as estratégias individuais de defesa sejam capazes de cumprir um papel positivo na adaptação do sofrimento, elas ainda exercem pouca influência na violência social, o que reforça ainda mais a ideia de como o movimento coletivo dos trabalhadores gera muito mais mudança em um sistema e abre espaço para discussão de uma estrutura já normalizada.

Um ponto considerado negativo pelas modelos, relacionado ao mercado atual, é a substituição das modelos por influenciadores digitais. Isso resulta em um processo forçado de adaptação aos novos moldes do mercado, enquanto anteriormente as modelos faziam seus trabalhos, voltavam para casa e viviam suas vidas normalmente. Porém, atualmente, elas têm que vender um produto por meio do *Instagram* a todo momento, além de vender um personagem, na maioria das vezes: *“eu sou do mato, eu sou da praia, eu tenho outro contexto de vida além de modelo. Eu não vivo o meio, eu vivo ali no momento do trabalho, mas a minha rotina pós-trabalho é outra, eu tenho outra vida. Aí eu me sinto prejudicada agora nesse contexto, porque eu tenho que tá [sic] no Instagram dentro da minha casa, no meu descanso, postando ou falando, porque as pessoas querem ver o que você faz e o que você é. Isso me exige 24 horas hoje.”* (E1).

Basicamente, o mercado atual é considerado muito mais uma fonte de prazer do que de sofrimento para as modelos, principalmente àquelas que começaram a carreira há anos. Essa mudança é perceptível, e gera um conforto em saber que existe um maior espaço para se posicionar mais, desde em relação a queixas mínimas, como informar de que está com fome no *set* ou para reclamar de um calçado desconfortável, até questões que envolvem a saúde dessas mulheres. Curioso observar que a pesquisa de Lee, Sanghee *et al* (2019) traz resultados diferentes, à medida em que salienta a esfera opressora do mundo do trabalho das modelos fashion.

A abertura desse espaço contribui, inclusive, para que as modelos sintam uma maior liberdade com os seus corpos, de modo a não se submeterem mais a dietas restritas e à ingestão de medicamentos para alcançarem uma certa medida de peso que é exigida pelo trabalho.

4.7 A carreira de modelo

A carreira é denominada como a trajetória que um indivíduo percorre ao longo da sua vida profissional. Esse tema foi um dos escolhidos para representar as entrevistas coletadas devido à relação direta com o prazer e o sofrimento das modelos. A partir da análise realizada, é notável o quanto as relações e percepções desses indivíduos vão mudando ao longo dos anos de profissão.

Geralmente, as modelos entram para o mercado de moda muito novas, entre 15 e 17 anos. Aliado a isso, elas não possuem um treinamento prévio de mercado e passam por um processo de desenvolvimento muito além do esperado para sua idade. Em sua grande maioria, elas saem de suas cidades natais, mudam para São Paulo e, posteriormente, são promovidas à carreira internacional – tudo isso em um curto espaço de tempo. Esse processo implica em um amadurecimento precoce e na abdicção dos estudos. Além de se manterem longe da família, essas jovens devem saber lidar com o dinheiro e com pressões relacionadas ao corpo, aos clientes e à agência.

Ao se selecionarem os subtemas desta família, palavras como: crescimento, angústia, maturidade, traumas, viagens, experiência, confiança, aceitação, privação, desgaste, realização, pressão e insegurança foram as mais identificadas. Todas as famílias citadas nos tópicos anteriores da análise são capazes de descrever a origem de boa parte dessas percepções relacionadas ao sofrimento, como a angústia, os traumas, o desgaste, a privação e a pressão.

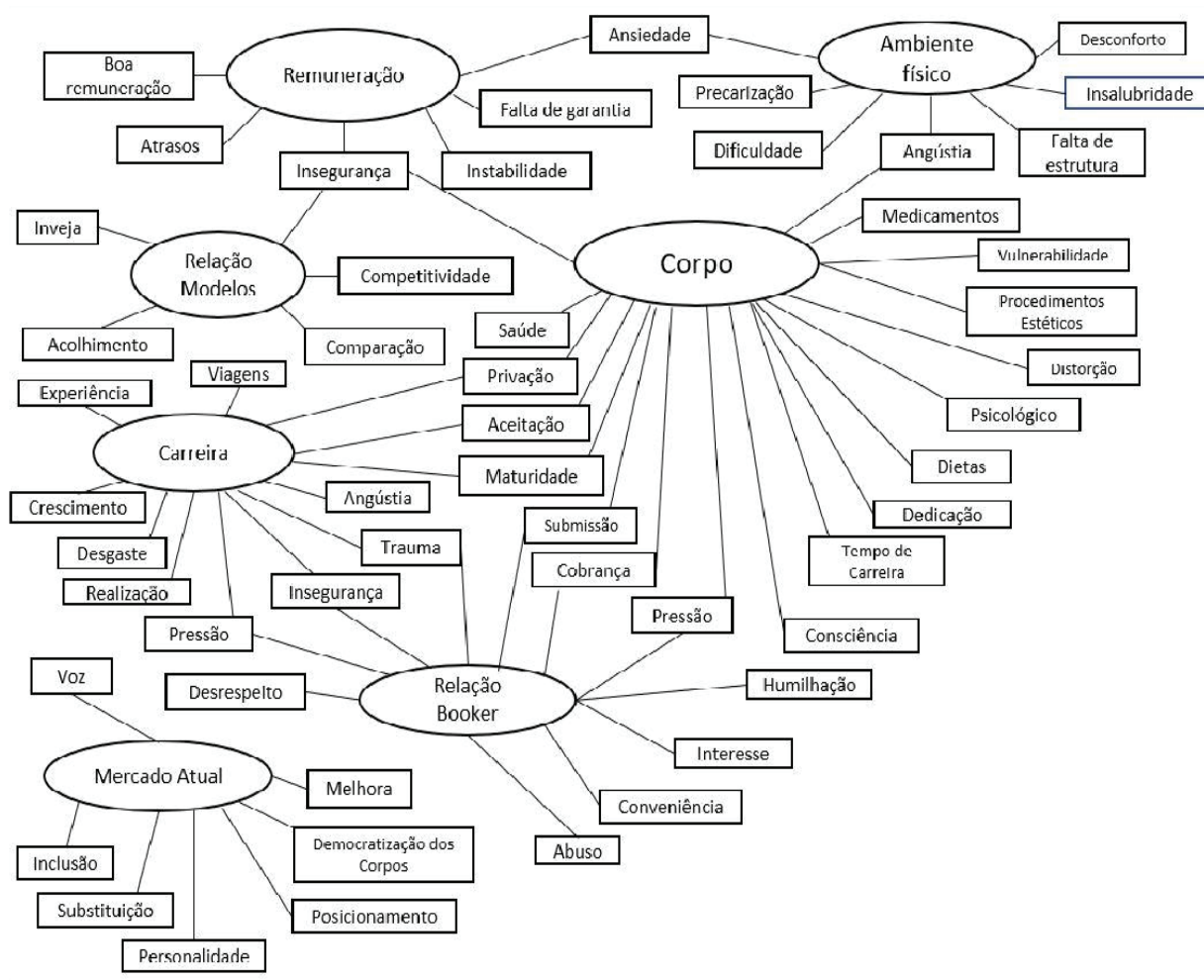
O tempo de carreira é primordial para que essas profissionais se entendam ainda mais enquanto indivíduo e se sintam mais confiantes em sua profissão. Apesar da relação com o corpo ser um trauma para praticamente todas elas, suas percepções de autoimagem melhoraram consideravelmente com o tempo de carreira, o que reflete diretamente na sua aceitação e no seu posicionamento.

É inegável o quanto a trajetória de carreira das modelos permite um crescimento, amadurecimento, experiência e realização que praticamente nenhuma outra profissão permitiria neste espaço/tempo. É unânime, para todas as entrevistadas, o quanto isso gera prazer a elas e o quanto elas têm a consciência de que boa parte do que construíram, tanto de forma pessoal quanto financeira, só seria possível da forma como tudo ocorreu.

4.8 A Análise Temática do Prazer e Sofrimento no Trabalho das Modelos Fashion

Com base nas unidades temáticas apresentadas e analisadas, foi possível desenvolver um esquema interpretativo do Prazer e Sofrimento no Trabalho das Modelos Fashion representado na Figura 1:

FIGURA 1: PRAZER E SOFRIMENTO NO TRABALHO DAS MODELOS FASHION



FONTE: Dados Primários (2022).

As categorias que predominam no sofrimento no trabalho são a relação com a agência, a relação com o corpo, a relação entre as modelos, o ambiente físico e a remuneração. As categorias em que se pode verificar mais prazer que sofrimento envolvem a carreira e o mercado atual. É importante ressaltar que, apesar das categorizações, a modelo não costuma ter uma rotina, o que implica diariamente em trabalhar com equipes diferentes, ambientes físicos diferentes e contexto variáveis. Essa dinâmica gera uma diferenciação na percepção de cada trabalho, portanto, tentaram-se agrupar as percepções que foram vistas de forma similar por diversos entrevistados que citaram contextos semelhantes.

Os temas que mais causam sofrimento nos sujeitos da pesquisa são a autoimagem, ou seja, a sua relação com o corpo e a relação da modelo com a agência. Esses foram os pontos-chave de maior desabafo, angústias e experiências ruins das entrevistadas. Foi unânime nas entrevistas o quanto esses temas acarretam diversos traumas na vida dessas modelos e, mesmo com a maturidade, anos de carreira e maior percepção sobre essas relações, ainda são temáticas capazes de mexer profundamente com o psicológico dessas mulheres. Apesar de haver uma maior consciência em relação a isso, a submissão e a insegurança nesses ambientes permanecem.

A partir da análise, o tema identificado como maior prazer para as entrevistadas é a carreira. A despeito de todos os percalços da profissão, boa parte das profissionais se sente realizada pelo resultado dos trabalhos e do quanto aquilo agrega valor tanto aos clientes quanto aos seus familiares e amigos – como se todo aquele sofrimento fosse recompensado pelo resultado que é gerado. Nesse sentido, de acordo com Augusto *et al* (2014), quando o sujeito tem autenticada a beleza do seu ofício e do seu reconhecimento, todo seu sofrimento pode ser ressignificado e transformado em prazer.

Conclui-se, a partir das entrevistas, que o grau de consciência dessas profissionais sobre o que é prazer e o que é sofrimento ainda é muito distorcido, gerando um questionamento sobre como essas profissionais não percebem essas relações no seu dia a dia, como se determinadas situações fossem vistas de forma natural dentro do processo de carreira.

Com o passar do tempo, essa percepção vai se alterando, logo, certas coisas que eram entendidas como ossos do ofício no início, hoje são percebidas como violência ao corpo, sofrimento, submissão e abuso tanto físico quanto moral, que causam traumas irreparáveis naquele sujeito.

Nos últimos anos, foi possível perceber, também, o maior posicionamento das modelos com relação a determinadas situações. Na era das redes sociais, em que tudo é exposto, o movimento entre as modelos foi fortalecido por denúncias de diversas outras profissionais do meio sobre clientes e agências que tinham atitudes e comportamentos abusivos, relacionados a temas como racismo, abusos e atrasos nos pagamentos. Isso tem provocado melhorias em determinados aspectos comparados a situações enfrentadas por modelos anos atrás, mas ainda é um movimento recente que precisa ser mantido de forma estruturada para que medidas efetivas continuem sendo tomadas.

Para mudança na realidade do trabalho, se fazem necessários mecanismos para que esse trabalhador modifique ou diminua essa percepção sobre o que o faz sofrer. É um árduo processo, mesmo havendo a percepção da democratização da moda e um maior espaço para o posicionamento desses profissionais, ainda é muito difícil modificar uma realidade e dinâmica de trabalho enraizadas. Deve haver, portanto, um movimento de defesa individual e coletiva.

A defesa coletiva demanda de mínimas condições externas desse ambiente e da união da classe trabalhadora em questão, que fortalece o movimento e permite uma certa estabilidade nessa luta. Já a defesa individual parte da conscientização do sujeito sobre o espaço em que está ocupando e se submetendo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou identificar as vivências de prazer e sofrimento das modelos *fashion* no mercado de moda brasileiro, visando à necessidade de se questionar as condições desse trabalho em questão e o quanto isso impacta de forma objetiva e subjetiva na vida dessas profissionais. Torna-se importante salientar o quanto este tema ainda é pouco discutido na área da administração, mesmo se tratando de um mercado que movimenta muito o país e gera milhares de empregos, como o mercado da moda. Apesar disso, em diversas outras áreas, há pesquisas sobre o tema como as de Lee, Sanghee *et al* (2019), Bogár *et al* (2021), Hoppe (2021) e Fixsen, Kossewska e Bardey, (2022).

O levantamento teórico da pesquisa relacionada ao prazer e sofrimento no trabalho foi baseado nos estudos de Christophe Dejours sobre a Psicodinâmica do Trabalho e em diversos autores que citam o estudo em questão, demonstrando a relação entre o sujeito e a organização do trabalho, sendo essa uma determinante do sofrimento mental do trabalhador.

Enquanto metodologia, foi utilizada uma pesquisa qualitativa, do tipo descritiva conclusiva, seguindo a perspectiva interpretativista. Tal pesquisa buscou reunir os fenômenos por meio das interações pessoais e por meio daquilo que os sujeitos constroem, produzindo, assim, uma compreensão do contexto do fenômeno e de suas variáveis. Dentro do contexto da pesquisa qualitativa, foi feito um roteiro de entrevistas semiestruturadas, o que permitiu um questionamento maior sobre o assunto à medida em que as informações eram coletadas. As entrevistas foram feitas com 9 modelos com tempos de carreiras diferentes que faziam parte do público-alvo escolhido. Nessa coleta, foi escolhido o método da análise temática, estratégia que categoriza e segmenta a partir de um conjunto de dados uma descrição de padrões.

A partir desta análise temática, foi feita uma divisão em 7 famílias principais: o ambiente físico, a relação entre as modelos, a relação *booker*/agência, a remuneração, o corpo, o mercado atual e a carreira. A análise desenvolvida demonstrou o quanto a profissão, de forma consciente ou inconsciente, gera mais sofrimento do que prazer às profissionais da área, acarretando em traumas, submissão, pressão e em uma série de impactos negativos ao corpo e à mente dessas profissionais. Mesmo diante de uma sucessão de desabafos negativos e traumáticos sobre a profissão, as respostas relacionadas ao sentimento de prazer vieram acompanhadas do reconhecimento, algo muito comum dentro da profissão por se tratar de um trabalho voltado à imagem, o que gera uma validação positiva dentro da sociedade.

Apesar de o mercado de moda caminhar para mudanças positivas, é importante reconhecer que essas desconstruções no sistema vêm acontecendo a passos lentos. Tal encontra-se em consonância com os achados de Bogár et al (2022) e . Cabe salientar o quanto a união da classe trabalhadora em questão e a tomada de consciência frente às vivências na área permitem um movimento maior de alteração desta estrutura. De acordo com Dejours (2008), é por meio da reflexão que os trabalhadores podem impulsionar a mobilização necessária para as transformações das situações dolorosas do trabalho em situações saudáveis. Sem um contexto de pressão sobre esse sistema, não se pode esperar que algo seja feito pela classe dominante, uma vez que é muito mais fácil manter estes sujeitos adormecidos e alienados, para que não sejam capazes de questionar as condições às quais se submetem no trabalho (HOFFMAN et al, 2019). Enquanto estudos da Administração, se faz necessário um olhar mais direcionado à área mercadológica da moda.

A partir do presente projeto, percebe-se o quanto este assunto permanece invisibilizado pela Academia. Acredita-se que, ao se contemplar essa temática no presente trabalho, a discussão sobre o assunto irá ser ampliada e, conseqüentemente, será possível questionar, de modo contundente, essa estrutura e criar condições para alteração desse sistema.

Neste momento, o presente estudo abarcou apenas mulheres, por serem a maioria empregada neste contexto de mercado. No entanto, é possível apontar como estudos futuros uma expansão nesse objeto de estudo, incluindo os profissionais do sexo masculino, que também possuem vivências relevantes para a pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA TÊXTIL E DE CONFECÇÃO – ABIT. **Perfil do setor**. 2022. Disponível em: <https://www.abit.org.br/cont/perfil-do-setor>. Acesso em: 31 ago. 2022.
- AUGUSTO, M. M.; FREITAS, L. G.; MENDES, A. M. Vivências de prazer e sofrimento no trabalho de profissionais de uma fundação pública de pesquisa. **In:** Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 20, n. 1, p. 34-55, abr. 2014. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v20n1/v20n1a04.pdf>>. Acesso em: 14 maio 2022.
- AVELLUTO, V. Gramsci, o movimento feminista e a crise da hegemonia patriarcal. **In:** Novos Rumos, Marília, v. 57, n. 2, p. 71-74, Jul.-Dez., 2020.
- BOGÁR, N.; DUKAY-SZABÓ, S.; SIMON, D.; TÚRY, F.; PÁSZTHY, B. Frequency of disordered eating habits among fashion models. **In:** Eur Eat Disorders Rev.v. 30:p. 823–829, 2022.
- BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **In:** Qualitative Research in Psychology. v. 3, n. 2, p. 77-101. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>>. Acesso em: 15 mai. 2022.
- DEJOURS, C. **A Loucura do Trabalho: Estudo de Psicopatologia do Trabalho**. São Paulo: Cortez, 2008.
- FIGUEIRA, H. L. M.; VELOSO, C. S. A. Representações e ambiguidades sobre a escravidão contemporânea no território da moda. **In:** Brazilian Journal of Development, v. 5, n. 6, p. 5334- 5347. Disponível em: <<https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/1756/1679>> Acesso em: 8 nov. 2021.
- FIXSEN, A.; KOSSEWSKA, M.; BARDEY, A. I'm Skinny, I'm Worth More: Fashion Models' Experiences of Aesthetic Labor and Its Impact on Body Image and Eating Behaviors. **In:** Qualitative Health Research Online First, v. 12, 2022.
- HOFFMAN, C.; ZANINI, R.; MOURA, G.; MACHADO, B. Prazer e sofrimento no trabalho docente: Brasil e Portugal. **In:** Educ. Pesqui., São Paulo, v. 45, e187263, 2019.
- HOPPE, A. The Microsociology of Aesthetic Evaluation: Selecting Runway Fashion Models. **In:** Qualitative Sociology v.45, p.63–87, 2022.
- LEE, SANGHEE; BAE, J.; IM, S.; LEE, SUNWOO; HEO, J. Senior fashion models' perspectives on serious leisure and successful aging. **In:** EDUCATIONAL GERONTOLOGY, v. 45, n. 10, p. 600–611, 2019.
- LIBARDI, M. **Em busca da fama: profissão modelo**. São Paulo: Senac. 2004.
- LIPOVETSKY, G. **Império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. Tradução por Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- MENDES, A. M. B. Aspectos psicodinâmicos da relação homem-trabalho: as contribuições de C. Dejours. **In:** Psicologia: ciência e profissão, Brasília, v. 15, n. 1-3, p. 34- 38, 1995. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/R4yy mBFkPGNFb3BSvXFnZzn/?format=pdf&lang=p>>. Acesso em: 11 mai. 2022.
- MENDES, A. M. B. Pesquisa em psicodinâmica do trabalho: a clínica do trabalho. *In:* MENDES, A. M. B. (Org.). **Psicodinâmica do trabalho: teoria, método e pesquisas**. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2007. p. 65-87. (pp. 65-87).
- PAIVA, K.; PEREIRA, J.; GUIMARÃES, L.; BARBOSA, J.; SOUSA, C. MULHERES DE VIDA FÁCIL? TEMPO, PRAZER E SOFRIMENTO NO TRABALHO DE PROSTITUTAS. **In:** RAE-Revista de Administração de Empresas, v. 60, n. 3, p. 208-221, 2020.
- ROCHA, D.; SANTOS, T. A criança na novela, na publicidade, na moda: participação artística e/ou trabalho infantil. **In:** REVISTA COCAR. UEPA. v. 13, n. 26, p. 50-66, ago./2019. Disponível em: <<https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/2540>>. Acesso em: 29 out. 2021.
- WOLF, Naomi. **O mito da beleza: Como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. 7. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.